

**O CINEMA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CIVILIDADE
URBANA EM FEIRA DE SANTANA (1950-1965)**

Alisson Oliveira Soares de Santana

Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana/Bolsista FAPESB – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia

alissonsnt@yahoo.com

RESUMO: Este trabalho é resultado de reflexões iniciais que fazem parte de uma pesquisa mais ampla, em andamento, que estuda as práticas de cinefilia em Feira de Santana, Bahia, no período que compreende de 1950 a 1970. Aqui, vamos nos deter em examinar questões precursoras e concernentes a construção de espaços de exibição cinematográfica. Considerando o cinema como gerador de práticas sociais, este trabalho busca mapear a formação e atuação desses espaços frente ao processo da civilidade moderna e urbana na cidade, atentando-se em demonstrar o papel da cinefilia como agente mobilizador de olhares, pensamentos e sensibilidades.

Palavras-Chave: Cinema, Cidade, Urbano.

Desde a última década do século XIX, diversos olhares despertaram para as questões do espaço urbano, entretanto apenas no século XX inaugurou-se uma forma mais sistematizada de pensar o fenômeno urbano, sua organização e a produção de um modo de vida moderno, assentindo o meio urbano como um local por excelência para o desenvolvimento da modernidade.

Mediante as agitações provocadas pela emergência da modernidade - entendendo-a aqui como um processo de mudanças na “experiência subjetiva dos indivíduos” ou quanto a um conjunto de transformações sociais, econômicas e culturais com advento de novas ferramentas e inovações tecnológicas- o cinema se difundiu como um dos símbolos dessas transformações, como uma nova linguagem expressiva e como um dos produtos que mais personificou e transcendeu esse período (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p.17).

A estreita relação que o cinema assume com a cidade também despertou potencialidades e possibilidades que se traduziam na própria experiência espectral e nas representações cinematográficas sobre a cidade.

A inserção do cinema e de outros elementos na cidade moderna configuraram novos modos de percepção social, tanto nas paisagens urbanas quanto na mobilidade dos sujeitos e na forma de vivenciar o urbano. Assim, a partir da segunda metade do século XIX, os primeiros reflexos da modernização são manifestados diretamente nos investimentos de construção de ferrovias, implantação de indústrias e de reformas urbanas que faziam parte de um lento projeto de urbanização que se definia em “mudar a imagem das áreas urbanas, a fim de adaptá-las aos novos ideais modernos e higiênicos. (...) Pois, muda-se a forma de estruturar, de pensar, de ver e viver a cidade” (PINHEIRO, 2002, p. 25).

Fernando Braudel (2005) analisou a questão da cidade como lócus de construção histórica da modernidade, em que as novas formas de experienciar a cidade gerava também novos mecanismos de percepção social, uma nova relação dos sujeitos no espaço urbano. Em sua melhor definição, Braudel define a cidade como como transformadores elétricos, em que:

Aumentam as tensões, precipitam as trocas, caldeiam constantemente a vida dos homens. Não nasceram elas da mais antiga, da mais revolucionária divisão do trabalho: os campos de um lado, as chamadas atividades urbanas do outro? (...) A cidade tanto cria a expansão como é criada por ela. Mas o centro é que, mesmo quando não é a cidade a fabricá-la com todas as suas peças, é ela a ditar as leis do jogo. E na cidade este jogo revela-se melhor do que em qualquer outro posto de observação [...] A cidade é corte, ruptura, destino do mundo. Quando surge, portadora da escrita, abre as portas ao que chamamos história [...] uma cidade é sempre uma cidade onde quer que se situe, tanto no tempo como no espaço. O que de maneira alguma quer dizer que as cidades sejam todas parecidas. Mas, para além de características diversas, originais, todas falam obrigatoriamente uma mesma linguagem fundamental: o diálogo ininterrupto com o campo, necessidade primordial da vida cotidiana; a presença das pessoas, tão indispensável como a água para a roda do moinho; o orgulho citadino, o desejo de as cidades se distinguirem umas das outras; a sua situação obrigatória no centro de redes de ligações mais ou menos longínquas; a sua articulação com os seus arredores e com outras cidades. Umas senhoras, outras servas ou mesmo escravas, estão ligadas, formam uma hierarquia, na Europa, na China ou em qualquer lugar. (BRAUDEL, 2005, p. 439)

No Brasil, a transição do século XIX para o século XX é frisada por uma forte aspiração por reformas de caráter urbano modernizante, em um momento que se ansiava por mudanças efetivas tanto no plano político quanto na estrutura social. O desenvolvimento urbano se destacaria como o princípio da modernidade, a compreensão do moderno se relaciona a ideia de progresso na medida em que se entende o passado como atraso e, que se rompe com ele, subvertendo o velho. Na perspectiva desse ideal,

esta era, portanto, a característica do processo de modernização e civilização das cidades que, se configurava na “sua tendência demolidora, destruidora de tudo que fosse tomado por velho ou associado ao antigo” (LEITE, 1996, p. 14). Entretanto, esse processo não era homogêneo, as cidades experimentaram esse efeito dentro das suas respectivas especificidades, esse “novo” não substituiu o “velho” de imediato, as convenções do moderno e arcaico foram se mesclando e um alterando o outro paulatinamente.

Em meio a isso, a expansão do mercado cinematográfico acontece na medida em que o cinema ganhava significativa importância paralelo também a necessidade de aperfeiçoar suas técnicas de filmagens e de espaços para exibição. Expandindo a nível mundial, o processo de introdução do cinema no Brasil remete a primeira década do século XX, associado aos projetos de modernização e de mudanças urbanas que grande parte das cidades brasileiras experienciavam.

A história cultural do campo cinematográfico se insere como parte da história do gosto e de prática. A paixão pelo cinema tornou-se um objeto de múltiplos desafios, cruzando-se a objetivos políticos e culturais. Assim, os estudos sobre a linguagem cinematográfica, sobre as idas às casas de cinema, das reuniões em cineclubes, da indústria e do comércio de filmes, contribuíram decisivamente para identificar como o cinema conseguiu demarcar o seu lugar na cidade.

O cinema introduziu novas categorias e significados à vida moderna, desvelando-se como arte mais perspicaz do século XX, Walter Benjamin (2002, p. 245) define que o que o caracteriza não é apenas o modo pelo qual o homem se apresenta ao aparelho cinematográfico, é também a maneira pela qual o cinema assume o papel da representação e formação de hábitos do mundo que o rodeia.

(...) O homem que se diverte pode também assimilar hábitos; diga-se mais: e claro que ele não pode efetuar determinadas atribuições, num estado de distração, a não ser que elas se lhe tenham tornado habituais. Por essa espécie de divertimento, pelo qual ela tem o objetivo de nos instigar, a arte nos confirma tacitamente que o nosso modo de percepção está hoje apto a responder a novas tarefas. E como, não obstante, o indivíduo alimenta a tentação de recusar essas tarefas, a arte se entrega àquelas que são mais difíceis e importantes, desde que possa mobilizar as massas. E o que ela faz agora, graças ao cinema. Essa forma de acolhida pela seara da diversão, cada vez mais sensível nos dias de hoje, em todos os campos da arte, e que é também sintoma de modificações importantes quanto à maneira de percepção, encontrou, no cinema, o seu melhor terreno de experiência. Através do seu efeito de choque, o filme corresponde a essa forma de acolhida. Se ele deixa em segundo plano

o valor de culto da arte, não é apenas porque transforma cada espectador em aficionado, mas porque a atitude desse aficionado não é produto de nenhum esforço de atenção. O público das salas obscuras é bem um examinador, porém um examinador que se distrai. (BENJAMIN, 2002, p. 251)

Concentrando o olhar para a Bahia, no bojo de tais transformações, novos espaços surgiam para redefinir o universo social e urbano das cidades que, embora repletas de contradições, novas situações sociais, políticas e culturais emergiam gradualmente. De um modo geral:

reformatar a cidade, incorporar modernas práticas de lazer, escolarizar as mulheres, repensar a família, redefinir as formas de sociabilidade no espaço público, entre outras tendências, construíram aspectos das transformações em curso no período republicano. (FONSECA, 2002, p.25)

Nessa atmosfera de mudanças sociais, o cinema compõe-se enquanto um espaço onde abriga uma pluralidade de experiências e comportamentos entendidos como modernos ou, civilizados. O cinema ganhou uma atenção diferenciada na Bahia, não somente pelo despertar da curiosidade em ver as imagens em movimento, mas também por ter sido considerado um dispositivo civilizador (FONSECA, 2002, p. 26).

Feira de Santana não ficou de fora das intensas modificações que marcaram as grandes cidades do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Como sinaliza Ana Maria Oliveira (2008), a inserção da cidade no cenário nacional, implicou para sociedade feirense novas configurações na cidade e no seu cotidiano, alterando hábitos e construindo representações associadas a uma urbe comercial, progressista e moderna (OLIVEIRA, 2008, p. 20).

Os discursos de progresso, de civilidade, de uma nova urbe que transformasse Feira de Santana em uma cidade “limpa” e organizada passava a ser construído no imaginário da população. Algumas formas de diversões exerciam também o papel de difusores de ideais e comportamentos relacionados a civilidade na cidade, um fator substancial no imaginário da elite intelectual da época que aspiravam por uma vida sociocultural dentro dos parâmetros da modernidade.

Ao tratarmos da relação do cinema com a cidade, pressupõe pensar o gestar dessa cidade moderna e, nos artefatos civilizatórios desses espaços. Ainda no final do século XIX, o espaço urbano já era considerado o lugar privilegiado das atividades relacionadas ao cinema, seja nas produções de filmes, ou em suas eventuais projeções “nômades”.

Entretanto, apenas nas décadas seguintes o cinema encontraria seu lugar na cidade, os cinemas de rua que viriam ser inaugurados nas primeiras décadas do século XX, eram caracterizados como uma arte popular de centralidade urbana, que se codificavam como um aspecto elementar nas novas paisagens urbanas que a cidade moderna assumia.

A introdução de espaços e de uma nova dimensão social voltadas para vida cultural em Feira de Santana começa a ser esboçado nas primeiras décadas do século XX. O cinema surge em Feira de Santana como uma dessas opções de sociabilidade e lazer. Em 1919 inaugurou-se o Cine-Theatro Sant’Anna a partir de uma fusão do cinema da Vitória com o Teatro Santana, o local passava a exibir diversos filmes e espetáculos teatrais, musicais e literários. Ainda na década de 1920, outras casas de espetáculos surgem para ampliar os espaços de sociabilidade em Feira de Santana, além do Cine-Theatro Santa’Anna, a cidade contava com o Cinema Brasil e com o Cine-Theatro Elite (SANTOS, 2012, p. 98).

Em 1941, o cronista Campos Oliveira esboçava em uma das suas recorrentes publicações sobre a “Cidade Moderna”, a experiência de ir ao cinema na cidade nesse período:

D. Tarde apareceu com seu semblante molhado de neblina. Penso em ir a *matinné*. E vou. Chegando em frente daquele prédio, que na aparência se mostra distinto e próprio para um cinema, leio no *placard* os filmes que eu paulificadamente havia de assistir. E lá estava em letras grandes garrafais: *Jornais da Guerra* e *A segunda lua de mel*. Os *Jornais* já estavam em exibição. Às palpadelas com o meu amigo procurei com muito sacrifício um lugarzinho para ficar. E isso me custou caro, pois, além da massada de procurar o que não havia guardado, gastei dois paus de fosforos. E ainda dei graças a Deus por me achar prevenido de tal material, uma vêz que o porteiro não se movimentou, como fazem aquêles dos nossos Cines da Capital: munidos de uma lampada elétrica procuram com maximo interesse uma poltrona para os frequentadores que chegam atrasados. Aqui é ao contrário: êle deixa que cada qual se defenda e pronto. (...) O filme quebra. O operador concerta. E quebra novamente. (Jornal “Folha do norte”, 1941, p. 01)

Descrevendo de início a fisionomia do prédio que abrigava a sala de exibição, o cronista destaca a aparência distinta do espaço, caracterizando como “próprio de cinema”, o que manifesta o possível afastamento arquitetônico desse espaço em relação aos outros equipamentos urbanos da cidade, assim, é possível evidenciar que os cinemas podiam ser apreciados não apenas pelo seu caráter comercial, mas igualmente pela sua interação visual na paisagem urbana das cidade, com qual mexia com os sentidos e sensibilidades

dos transeuntes. Embora a arquitetura do cinema se configurasse como um símbolo de distinção ou, até mesmo de força artística, o cronista também chama atenção com pouca satisfação para a falta de assistência em achar uma poltrona no local, destacando a inferioridade em relação aos “Cines da capital”.

Ainda que, Feira de Santana tenha experienciado sua primeira relação com o cinema desde 1919, o movimento em torno do cinema adquire a maior intensidade nas décadas de 1950 e 1960. O primeiro passo para o alargamento dessa intensidade se dá com a inauguração do Cine Teatro Íris, em 1946.

Figura 1: Fachada do Cine Teatro Íris.

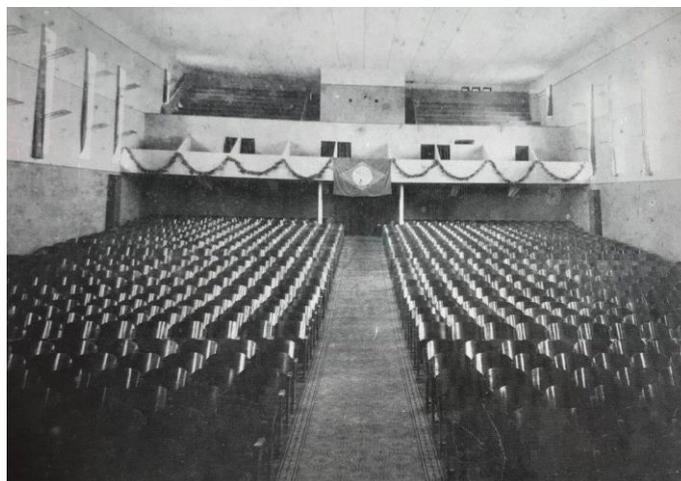


Fonte: Acervo fotográfico particular de Evandro Sampaio de Oliveira

Dirigida primeiramente por um grupo de empresários e posteriormente pelo proprietário Affonso Cavalcanti, o espaço situava-se na Avenida Senhor dos Passos e contava com a capacidade de 1400 lugares. Considerado como um marco do entretenimento e lazer da cidade no período, o Cine Teatro Íris:

Substituíu o velho cine-teatro Santana, situado nas proximidades da Praça da Matriz, com algumas diferenças. Se a antiga e tradicional sala de espetáculos, comícios e conferências mostrava-se acanhada, quase familiar, aquela erguida na Senhor dos Passos surgia como imponente, podendo acolher um grande número de espectadores nas cadeiras dispostas em dois planos. (...) O novo cinema alargava o número de adeptos, ajudava na construção de um território para a movimentação de jovens, cooperava para a consolidar o hábito de passeios vespertinos. Além de pontos de ligação de diferentes lugares da urbe e desta com a autoestradas que levavam viajantes para lugares distantes, a Avenida Senhor dos Passos tornava-se, com o Íris, um resumo das utopias de urbanização, um espaço pelo qual desfilavam os sonhos de civilidade e progresso. (OLIVEIRA, 2016, p. 190-91)

Figura 2: Auditório do Cine Teatro Íris.



Fonte: GAMA, Raimundo. Memória Fotográfica de Feira de Santana.

O intenso desenvolvimento urbano que Feira de Santana vivenciou na década de 1950, acrescida da sua propensa articulação comercial, promovia na cidade uma destemida busca pela atmosfera cultural, que terá como uma das funções instruir e elevar a cidade à categoria de “civilizada”, isso se expressava na realização de eventos artísticos no objetivo de torná-la uma cidade com desenvolvimento cultural visível (SANTOS, 2008, p. 96). É nesse contexto que o cinema emerge de forma mais intensa em Feira de Santana, sendo considerado a forma de entretenimento que mais se procurava dentro do panorama de diversões da cidade, recebendo apoio não somente do público, mas também por parte dos exibidores (Jornal “Folha do Norte”, 1953, p. 02).

O jornal “Folha do Norte” na década de 1950 se destacava como o principal órgão jornalístico impresso da cidade e, conseqüentemente, publicava crônicas que versavam sobre o progresso e a vida cultural que se desvelava na cidade. Em março de 1953, o incentivo ao engajamento cultural que se tentava mobilizar na cidade ficava explícito na seguinte publicação:

Movimento Cultural

Poetas, escritores, médicos, advogados, jornalistas, estudantes, tendo à frente o dr. Geraldo Leite, estão elaborando um Manifesto aos intelectuais indígenas, conclamando-os a aderir ao louvável movimento de renovação e surgimento artístico-cultural que ora se organiza em nossa terra, visando fundar, aqui, sociedade e revista cultura, mas que sejam expostos e debatidos problemas de toda ordem, incrementando-se a realização de concertos, de mostras de arte e, sobretudo, procurando incutir, nas novas gerações o gosto pelas letras e belas

artes. A Folha do Norte dá o seu inteiro apoio a esses homens, que se propõem a realizar obra tão meritória (Jornal “Folha do Norte”, 1953, p. 01).

Além do apoio jornalístico ao desenvolvimento cultural, diversas associações e instituições foram criadas no intuito de orientar e desenvolver o movimento artístico na cidade. No mesmo ano realizava-se na cidade diversos debates e reuniões para fundar a “Associação Cultural da Feira de Santana”, chegando a ser fundada em novembro do respectivo ano. No final da década de 1950, outra associação foi criada, a Sociedade de Cultura Artística de Feira de Santana (SCAFS), fundada por Olney São Paulo, sob realização do governo municipal, pela qual também incentivava a implantação de um universo cultural e “civilizado” na cidade. (Jornal “Folha do Norte”, 1953, p. 01).

Na descrença de uma polarização de cultura, Stuart Hall (2003) entende a sociedade a partir de intercâmbios mútuos que se difunde por meio de tradições e práticas. Seguindo essa premissa, as atividades relacionadas ao cinema, ou propriamente a prática de ir ao cinema em Feira de Santana poderia significar não apenas uma atividade cultural da vida moderna, mas também uma forma de integração cultural. Esse encontro de indivíduos de categorias sociais distintas, permite Hall estabelecer que:

Não existem “culturas” inteiramente isoladas e paradigmaticamente fixadas, numa relação de determinismo histórico, a classes “inteiras” - embora existam formações culturais de classe bem distintas e variáveis. As culturas de classe tendem a se entrecruzar e a se sobrepor num mesmo campo de luta. (HALL, 2003, p. 262)

Para De Certeau (1994, p. 202), o espaço é um lugar praticado, que passa a existir a partir do cruzamento móveis, da interação entre pessoas. As acepções do autor na crença do potencial que o lugar tem de influenciar nas ações do sujeito podem ser identificadas na mudança e nos hábitos da população feirense a partir da incorporação de locais em Feira de Santana que surgiam como um signo do progresso e que, funcionaria também como um instrumento de organização social.

A noção de espaços como esses enquanto elemento de progresso e entretenimento de uma nova paisagem urbana é evidenciada mais uma vez em uma publicação de periódico utilizada na pesquisa. O jornal cinematográfico “Cine Repórter”, de São Paulo, datado em 22 de novembro de 1958, trazia a seguinte publicação:

UM CINEMA DE CLASSE EM FEIRA DE SANTANA

Em FEIRA DE SANTANA (Bahia), com construção anexa ao Colégio Santonópolis, ergue-se como elemento de progresso e embelezador da paisagem urbana, o Cine SANTONOPOLIS, propriedade do rotariano dr. Aureo Oliveira Filho (também proprietário, além de diretor do referido educandário).

O cine SANTONOPOLIS valoriza suas instalações com equipamentos completo WESTREX com dispositivo para CinemaScope, VistaVision e Wide-Screen. (Jornal “Cine Repórter”, 1958, p.01)

A evidencia de um cinema de “classe” na cidade está fundamentalmente ligada a noção de progresso e do seu cruzamento com a civilidade, o desenvolvimento do novo visual urbano trazido pela construção do cinema tornava-se mais um dispositivo moderno para a estética do espaço urbano e para o quadro de diversões de Feira de Santana no período.

Figura 3: Vista panorâmica do Cine Santonópolis anexado ao educandário.



Fonte: Acervo fotográfico particular de Evandro Sampaio de Oliveira.

O Cine Santonópolis surge a partir do empreendimento de Aureo Oliveira Filho, proprietário do Colégio Santonópolis, o cinema incorporava-se ao ginásio do educandário, com a fachada direcionada para Avenida Senhor dos Passos, local privilegiado para os encontros coletivos dos próprios jovens estudantes que ali se aglomeravam. A publicação ainda qualifica a casa de espetáculo através dos

equipamentos tecnológicos norte-americanos lançados na mesma década que simbolizavam um fenômeno moderno para projeção da época.

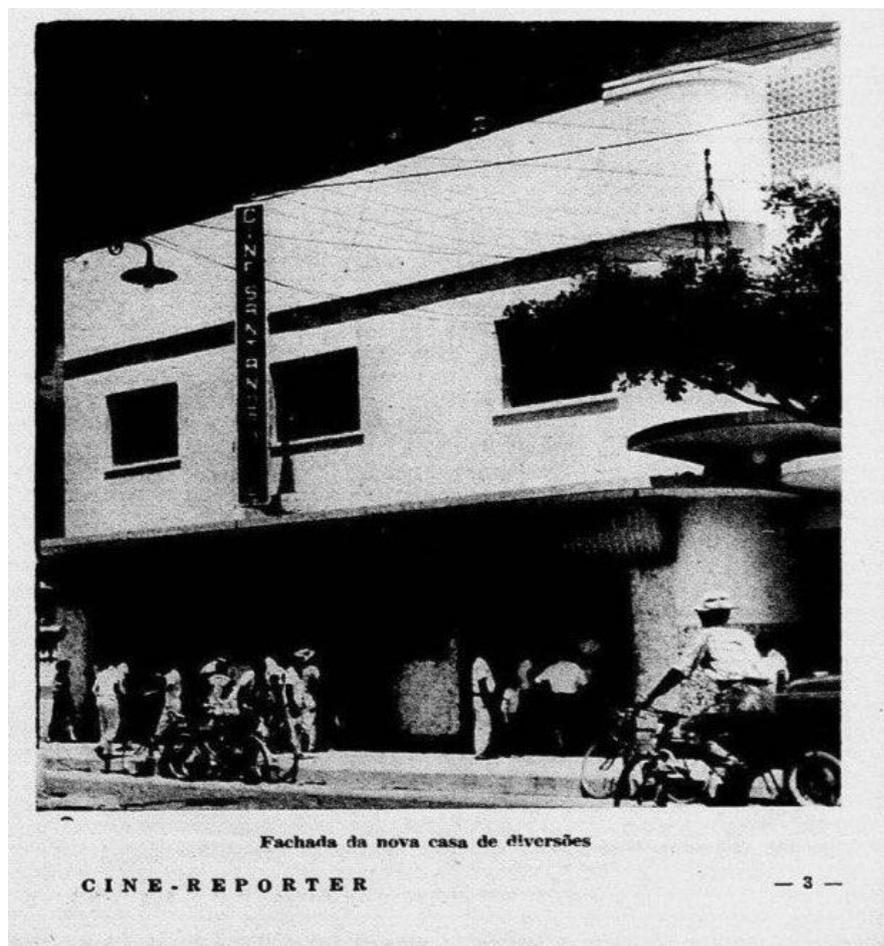
Figura 4: Avenida Senhor dos Passos.



Fonte: GAMA, Raimundo. Memória Fotográfica de Feira de Santana.

De acordo com o memorialista José Francisco de Freitas, o Cine Santonópolis foi o maior acontecimento cultural do ano de 1958 na cidade, contando com a presença de representantes políticos, autoridades civis e militares. A sala de projeção contava com a capacidade de cerca de mil lugares. Além de exibição de filmes, o espaço era utilizado para realização de diversos outros eventos, como formaturas, concertos e espetáculos teatrais.

Figura 5: Publicação do Jornal Cine Repórter.



Fonte: Cine Repórter, 22 de nov., 1958, p.01, edição 1171.

É nessa atmosfera de grandes transformações do espaço urbano de Feira de Santana que o cinema se consolidou como uma forma de experiência em movimento, agregando cada vez mais um número maior de público e, desvelando nos sujeitos modernos um novo repertório sociocultural materializado nos hábitos e comportamentos dos jovens cidadãos.

Identificar essa materialidade das formas urbanas, condiciona pensar a cidade dentro da concepção de sociabilidade, como Sandra Pesavento (2007, p. 14) assinala “ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.”.

Assim, situar o cinema como um dos instrumentos da modernidade em Feira de Santana, que passa a ocupar um papel quase que central na vida social da população, consolidando-se como um dos hábitos de lazer que aproximava a população da cidade de

um desejado modo de vida moderno, são discussões que serviram de apoio para pensar toda ambiência em torno do cinema na década de 1950 e 1960, pensando a sua relação com o espaço e, principalmente, com os sujeitos. As décadas 1950 e 1960, a questão da modernidade já era uma realidade operante que se traduzia no desenvolvimento urbano da cidade, a introdução de espaços culturais voltados para exibição de filmes implicava em redefinir novos hábitos e comportamentos dos cidadãos. Ir ao cinema se configurava numa nova forma de sociabilidade, assim, novas convenções sociais entravam em pauta.

Apreciado em maior parte pelos jovens, o cinema atuava enquanto uma prática dotada de significação social e determinante na forma de perceberem o mundo. Diante dessa potencialidade de fornecer novas sensibilidades e percepções sobre o mundo, identificamos aqui reflexões iniciais acerca da relação que se estabeleceu entre o cinema e ideais modernidade que acalentava o público feirense, procurando entender também como esses espaços redefiniam novos repertórios coletivos a partir de padrões de civilidade que se almejavam alcançar.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRAUDEL, Fernand. Civilização Material, Economia e Capitalismo- Séculos XV-XVIII: As Estruturas do Cotidiano. Volume 1. SP: Editora Martins Fontes, 2005.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo fita”**: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 – 1930. Salvador: EDUFBA – CEB, 2002.

HALL, S. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 262.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se....** Ideais de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador, 1912-1916. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade:** olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. **Canções da Cidade Amanhecendo:** Urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana (1920-1960). Salvador. EDUFBA. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** REVISTA Brasileira de História. São Paulo, vol. 27, nº53, p. 14. 2007.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia:** difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). Salvador: EDUFBA, 2002.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. **Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919-1946).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e Cultura em Feira de Santana:** práticas, usos e tendências em impressos da Folha do Norte (1951-1969). Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

Fontes consultadas:

Acervo fotográfico particular de Evandro Sampaio de Oliveira

FREITAS, José Francisco Brandão. **Aurora da nossa infância.** Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2018.

GAMA, Raimundo. **Memória Fotográfica de Feira de Santana.** Feira de Santana:

Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994.

Jornal **Folha do Norte**. Cidade Moderna. 21 de junho de 1941. p. 1. Biblioteca Municipal de Feira de Santana.

Jornal **Folha do Norte**. Triângulo Cinematográfico. 11 de abril de 1953. p. 2. Biblioteca Municipal de Feira de Santana.

Jornal **Folha do Norte**. Movimento Cultural. 7 de março de 1953. p.1. Biblioteca Municipal de Feira de Santana.

Jornal **Folha do Norte**. “Associação cultural da Feira de Santana”. 14 de março de 1953. p. 1. Biblioteca Municipal de Feira de Santana.

Jornal **Cine Repórter**, 22 de nov., 1958, p.01, edição 1171.